

ATELIÊ ABERTO: AQUI VOCÊ TEM TEMPO

OPEN ATELIER: HERE YOU HAVE TIME

57

Me. Vanessa de Oliveria Silva¹

RESUMO

O artigo explora a interseção entre educação formal, não formal e as práticas culturais em pontos de cultura independentes. A autora destaca a importância de criar espaços educativos que favoreçam a reflexão e a profundidade, em contraste com a rotina acelerada da educação formal. Embora muitas vezes confundida com a informal, a educação não formal é estruturada e possui intencionalidade pedagógica, sendo essencial para o desenvolvimento pessoal e coletivo. A experiência de um ateliê cultural é apresentada como exemplo de como esses espaços podem promover a cidadania, a convivência e a troca afetiva, estimulando a criatividade e o resgate de saberes tradicionais. O artigo afirma a relevância desses ambientes para a formação integral, pois proporcionam vivências que nutrem a alma, estimulando a brincadeira, a criação artística e a presença coletiva, além de resgatar aspectos essenciais da vida humana além das obrigações cotidianas.

¹ Vanessa Oliveira é artista-educadora, brincante e pesquisadora da cultura popular. Mestre em Artes Visuais – Ensino de Arte pela UNESP, desenvolveu sua pesquisa com foco na prática de ateliê na escola. É formada em Artes Plásticas com Licenciatura em Educação Artística pela Universidade Braz Cubas e possui especializações em Artes Visuais – Cultura e Criação (Senac RJ) e Arte de Ensinar Arte – Expressões Singulares (Instituto Singularidades). Ao longo de sua trajetória como educadora, percebeu a importância de ampliar sua formação para outras linguagens artísticas. Por isso, aprofundou-se em diversas áreas como música (experimentando piano, sanfona e instrumentos de percussão), dança contemporânea, danças tradicionais e teatro. Atuou como educadora musical no IHU – Ateliê dos Sons, ao lado de Camila Valiengo, e desde então tem desenvolvido práticas formativas voltadas para crianças e adultos no campo da música. Vanessa também integrou o elenco e trabalhou como cenografista em diversos espetáculos dirigidos pela bailarina e eutonista Fernanda Moretti. Atualmente, atua como educadora em arte na rede pública estadual e realiza grande parte de suas pesquisas no Ateliê Sementeira, explorando desenho, pintura, gravura, música, educação e cultura. Além disso, é brincante e pesquisadora da cultura brasileira, com ênfase nas manifestações do Maranhão, atuando no grupo Jabuticáqui.

Palavras-Chave: Tempo. Arte. Educação não formal. Saberes tradicionais. Cidadania.

ABSTRACT

The article explores the intersection between formal and non-formal education and the cultural practices in independent cultural centers. The author emphasizes the importance of creating educational spaces that foster reflection and depth, in contrast to the fast-paced routine of formal education. Although often confused with informal education, non-formal education is structured and intentional, playing a key role in personal and collective development. The experience of a cultural workshop is presented as an example of how such spaces can promote citizenship, social interaction, and emotional exchange, stimulating creativity and the revival of traditional knowledge. The article underscores the relevance of these environments for holistic development, as they provide experiences that nurture the soul, encouraging play, artistic creation, and collective presence, while reconnecting people with essential aspects of life beyond daily obligations.

Keywords: Time. Art. Non-formal education. Traditional knowledge. Citizenship.

INTRODUÇÃO

O professor é uma pessoa. Esta afirmação é o título de uma publicação de Ada Abraham, feita em 1984, que segundo Nóvoa (2013), trouxe uma grande transformação na forma como a trajetória docente é vista e escrita, “[...] trata-se de uma produção heterogênea, de qualidade desigual, mas que teve um mérito indiscutível: recolocar os professores no centro dos debates educativos e das problemáticas da investigação”(Nóvoa, 2013, p. 15). Recolocar os professores no centro dos debates educativos e da pesquisa, inclui perceber que a pesquisa de professoras e professores, atravessa sua propria vida e maneira de ver o mundo. Ao reconhecer essa experiência como metodologia de pesquisa, as ações, as narrativas pessoais, o processo de aprendizagem como porcesso criativo, o

processo criativo como investigação científica, que tenta compreender a subjetividade do que é ser humano, surge a A/r/tografia, uma forma pesquisa educacional baseada em Arte, que segundo Dias (2023), traz em seu nome A/R/T a metáfora para *artist* (artista), *researcher* (pesquisador) e *teacher* (professor). Ele afirma ainda que: “Ao colocar a criatividade à frente no processo de ensino, pesquisa e aprendizagem, a a/r/tografia gera insights inovadores e inesperados ao incentivar novas maneiras de pensar, de engajar e de interpretar questões teóricas como um pesquisador, e práticas como um professor (DIAS, 2023, p.25).

Esse preâmbulo vem contextualizar um texto que parte das inquietações, sonhos e práticas de uma professora, pesquisadora e artista diante da educação formal e não formal, por isso suas impressões são narradas em primeira pessoa. Narrar a própria trajetória, seja do percurso no espaço físico, seja no espaço imaginário da lembrança, é um ato subjetivo, performativo que convida o leitor a pensar sua propria trajetória. Hernandez (2008), coloca da seguinte maneira:

[...] o que se gera com a investigação narrativa não é estritamente conhecimento, mas um texto, um relato, *que alguém lê*, e é precisamente aí que reside um novo nível de relação fundamental: *contar uma história que permita a outros contar(-se) a sua*. O objetivo não seria somente apreender a realidade, mas também produzir e desencadear novos relatos. (Hernandez, 2023, p. 51)

O subtítulo deste artigo faz referência a fala de uma peça teatral da Cia do Tijolo intitulada “O vôo da guarda vermelha”, da escritora Maria Valéria Rezende. Dentre muitos momentos que me tocaram, a frase “aqui você tem tempo” grafada num cartaz durante a encenação trouxe reflexões sobre o espaço de tempo que temos em nossa rotina na educação formal, em quem somos, e o que queremos ser. Traz a memória de docente, Paulo Freire quando diz:

o ser humano se tornou uma presença no mundo, com o mundo e com os outros. Presença que, reconhecendo a outra presença com um “não-eu” se reconhece como “si própria”. Presença que pensa a si mesma, que se sabe presença, que intervém, que transforma, que fala do que faz mas também do que sonha, que constata, compara, avalia, valora, que decide, que rompe. E é no domínio da decisão, da avaliação, da liberdade, da ruptura, da opção, que se instaura a necessidade da ética e se impõe a responsabilidade (FREIRE, 1996, p. 18).

Mas que presença é esta e que espaço ela tem na escola, se o que somos acaba sendo muitas vezes definido pelo que fazemos? E muitas vezes fazemos o que não gostamos, ou deixamos de gostar porque com o passar do tempo, não conseguimos aprofundar, se demorar em algo, desfrutar. Ficamos condicionados a desempenhar, atingir meta, atender as inúmeras demandas que nossa vida capitalista exige. Onde é esse lugar que temos tempo? Precisamos inventá-lo.

Depois de assistir à peça, quis ler o livro, e nos intervalos entre uma aula e outra na escola, fui me prendendo a cada página e percebendo uma fome em meu ser igual a de Rosálio, personagem protagonista na obra:

[...] mas agora, crescentemente, é uma fome da alma que aperreia Rosálio, lá dentro, fome de palavras, de sentimentos e de gentes, fome que é assim uma sozinhez inteira, um escuro no oco do peito, [...] Fome de verdes, de amarelos, de encarnados (REZENDE, 2014, p. 9).

A forma que encontrei de inventar o tempo, junto a outros artistas, educadores e parceiros da carreira, foi a proposição de um ateliê aberto, um ateliê território, o Ateliê Sementeira. Um espaço cultural de educação não formal, em que escolhi algumas ações realizadas durante esse ano para falar sobre a potencialidade da educação não formal em nossa vida. Como embasamento teórico para toda a prática realizada no ateliê e o pensamento desenrolado ao longo deste artigo, sobre o estado de ateliê, mediação cultural, educação, poesia e tempo, trago a fala de autores como Maria da Glória Gohn, Paulo Freire, Renata Meirelles, Leda Maria Martins, Mirian Celeste, Gisa Picosque, entre outros.

EDUCAÇÃO ALÉM DOS MUROS DA ESCOLA

A compreensão de educação formal, não formal e informal, que permeiam o estudo deste artigo é abordada aqui principalmente a partir de um texto de Maria da Glória Gohn (2014). De acordo com a autora, a educação formal é a que aprendemos na escola, com intencionalidade, seguindo uma grade curricular fixa, uma agenda pré-estabelecida e conteúdos previamente escolhidos. A educação informal, acontece no processo de

socialização do indivíduo, podendo ocorrer naturalmente em muitos espaços, como na família, na igreja, na comunidade, etc, e pode ter ou não alguma intencionalidade. A educação não formal, muitas vezes confundida com a informal, difere no fato de haver intencionalidade na ação, “[...] os indivíduos tem uma vontade, tomam uma decisão de realizá-la, e buscam os caminhos e procedimentos para tal” (Gohn, 2014, p.40). Eu já sabia no meu ateliê atuava com a educação não formal, mas acabava confundindo com a informal, por não atinar que, ainda que de forma mais livre, eu tinha certeza do que queria ensinar, de que forma trabalhar, que abordagem utilizar... Ainda nas palavras de Maria Gohn:

A educação não-formal, não é nativa, ela é construída por escolhas ou sob certas condicionalidades, há intencionalidades no seu desenvolvimento, o aprendizado não é espontâneo, não é dado por características da natureza, não é algo naturalizado. O aprendizado gerado e compartilhado na educação não-formal não é espontâneo porque os processos que o produz têm intencionalidades e propostas (GOHN, 2014, p. 40).

Além da intencionalidade no aprendizado, destaco neste artigo outro fator de extrema importância e que talvez seja o motivo principal do relato das práticas realizadas, que é a experiência e os saberes gerados no coletivo, na troca, no encontro com outras pessoas, que escolheram estar ali e compartilhar aquele tempo e espaço juntas. No próximo tópico apresento o Ateliê Sementeira e como esse lampejo de sonho surgiu.

UMA SEMENTE QUE VINGOU

O Ateliê Sementeira, é um espaço que surgiu em 2014, para o desenvolvimento de projetos artísticos nas artes visuais e na música. Era uma salinha bem pequena que abrigava todos os meus livros, instrumentos, desenhos, pinturas, ferramentas e invencionices... um refúgio. Aos poucos se tornou um espaço para pensar a educação em Arte, com aulas de piano e musicalização, oficinas de gravura, pintura, jardinagem... É também o lugar onde desenvolvo com o Alessandro, meu parceiro de vida e trabalho, a pesquisa sobre cultura brasileira, tradicional e da infância.

Hoje conquistamos um espaço maior onde todas essas vivências podem acontecer com mais conforto e dinâmica em cada canto do ateliê. Continua sendo um refúgio, um lugar do encontro, do diálogo e da vivência. Muitas pessoas chegam no ateliê e se sentem acolhidas, à vontade e com vontade de brincar e experimentar. Um lugar em que as pessoas querem se demorar, e podem se demorar pois é um espaço que parece curvar a linha do tempo, pensando no conceito de tempo abordado por Leda Maria Martins (2021) de que o tempo no corpo, na oralidade, na poesia, no gesto, pode ter um movimento não linear, mas em espiral.

Em 2024, o ateliê foi contemplado pelo edital da Lei Federal Paulo Gustavo, de território cultural, que nos permitiu elaborar ações abertas a comunidade. Uma das ações, que defini como “Ateliê Aberto”, trata-se de vivências com arte que visam integrar os participantes com a troca coletiva, criação e investigação, a partir de matérias, ferramentas e repertórios propostos pelos educadores ou pelos participantes. Essa vivência coletiva com a Arte, proporciona o aprimoramento do convívio, do cuidado de si e do outro, e por consequência o exercício de cidadania. Relato a seguir as propostas feitas nesse ateliê que nos colocaram nesse lugar de afeto, presença e desaceleração do mundo.

CASINHAS: CRIAR, BRINCAR E HABITAR

O ateliê é um lugar das grandezas do ínfimo, de relicários. E o primeiro ateliê aberto foi uma vivência para explorar nossas memórias, habilidades de arquitetos e nossa relação com o habitar. Pensar, sonhar e fazer casinhas... Um convite para entrar no universo das miudezas, das delicadezas, da criação e das coisas que moram no coração. “As casinhas são um espaço habitado por essências, segredos e liberdades infantis” (MEIRELES, 2007, p. 141)

Em toda minha infância, brinquei de casinha, de várias formas. Construir uma cabaninha no quintal, no beliche, transformar o guarda-roupas da mãe em apartamento,

mas a que mais me agradava era brincar com miniaturas, transformar uma caixa de sapato numa casinha, desenhando os móveis lá dentro. Com minha irmã, aprendi a desenhar o interior de casas no papel e fazer pequenos bonequinhos com o lápis recortando-os para morar nessa casinha. Eles tinham até nome. Uma infância de papéis rabiscados e picados, que foram espalhados pela casa toda. Em “A poética do Espaço”, Bachelard (1979) fala sobre nossa relação com a lembrança da primeira casa, e da poesia que se instaura em nosso imaginário nesta relação: “Assim, a casa não vive somente o dia a dia, no fio de uma história, na narrativa de nossa história. Pelos sonhos, as diversas moradas de nossa vida se interpenetram e guardam os tesouros dos dias antigos” (Bachelard, 1979, p. 201). Descobri esse tesouro da infância e o tornei vivo em todo o meu trabalho, na escola, no ateliê, em casa e quis abrir o ciclo de oficinas com essa miudeza. Uma coisa importante para a realização dessa oficina: as desimportâncias². Dedicar um tempo para algo que não tem utilidade, tempo para brincar, fazer amizades, compartilhar técnicas e risos. Nessa tarde tiramos a função de uma caixinha de fósforo para transformá-la num brinquedo, num lugar dos sonhos, lugar das memórias, lugar da nossa personalidade. “Evocando as lembranças da casa, acrescentamos valores de sonho; nunca somos verdadeiros historiadores, somos sempre um pouco poetas e nossa emoção traduz apenas, quem sabe, a poesia perdida” (Bachelard, 1979, p.201). Paramos dois minutos para olhar o sol se pôr. Piscamos e ele já havia ido embora.

Eu tenho um amor por essas miudezas e delicadezas que chamo desimportantes porque não atendem a demanda de produzir o tempo todo algo útil, algo que custe caro, algo para ostentar. Eu tenho um grande amor por desenhar, brincar, pintar sem precisar fazer correndo, desenhar sem que seja uma tarefa. Fazer uma coisinha, uma comidinha, olhar passarinhos, guardar papéizinhos, lembrar quando éramos pequeninos, falar sobre

² Essa palavra faz referência a poesia de Manoel de Barros “O apanhador de desperdícios”, e a outras poesias encontradas em seu livro “Memórias inventadas”

os mimos e dengos dos nossos bichinhos. As casinhas representam tudo isso. Como afirma Monica Guerra (2022) sobre as miudezas:

De algum modo, poderia se dizer que se trata de um exercício ínfimo, dedicado frequentemente, e igualmente, a pequenas “coisas” que, todavia, exatamente por sua simplicidade focaliza e mostra ter potencialidades que geram, às vezes, aberturas não previstas e, mesmo assim, abrem para questionamentos educativos (GUERRA, 2022, p. 25-26).

E por isso são grandezas do ínfimo, grandezas das pequenas coisas que enchem nossa alma, abrindo a mente para novas perguntas e o coração para novos afetos.

BRINQUEDO DO POVO

Essa oficina é mais um brinquedo muito presente em todo o Ateliê: construir um boizinho a partir da reutilização de materiais como caixas, papéis, sacolas, potes, cestos... Começamos com a história que dá origem a essa vontade do povo em brincar com o boi, depois construímos o brinquedo e brincamos. Pedi para trazerem caixa, pote, bacia, cesto, tudo que achassem possível virar boi. Geralmente as crianças encontram fácil um boizinho para brincar em qualquer objeto.

Fizemos esse ateliê em junho e foi como se esse encontro abrisse a temporada de festas juninas. A intenção foi de fazer ateliê, mas virou festa! Brincar com o boi convida a celebrar. E celebramos de muitas formas, criando, cuidando, ajudando, nutrindo, apreciando, cantando, contando, brincando... mais uma vez me vi surpreendida por belezas e delicadezas, como a caixa de brinquedos do Antônio, que já virou boi antes mesmo de chegar no ateliê. Cada pessoa colocou na sua criação, parte de sua personalidade, dos desejos do coração. “Olhar para a experiência estética dessa maneira, dando lugar e valorizando a narrativa de cada um, repleta de saberes muito distintos, aprendizagens únicas, é transformador” (Barbieri, 2021,p. 16). Talvez fazer a decoração do boi tenha justamente o significado de fazer “de coração”, pois usando os mesmos materiais cada um, cada uma, conseguiu transformar a matéria ao seu gosto. Quando quase todos já haviam

ido embora, vislumbrei duas crianças dançando com seus boizinhos no quintal. Imagem que fotografei na memória.

FIO DA MEADA

Durante gerações encontrei pelo caminho mulheres que me ensinaram a tecer de alguma forma e deixaram gravado em mim sua história. Aprendi a bordar com minha mãe, depois com a irmã, com as amigas, tias, sogra, mestras... tecido, meada, fita, miçanga, lã... uma história mais que escrita, tecida por muitas mãos. Talvez esteja gravado em mim pois foi um dos primeiros contatos com a Arte. Nas palavras de Mirian Celeste e Gisa Picosque:

Muitas marcas são deixadas por pais, tios, avós, irmãos mais velhos, amigos, professores, artistas, ... nossos primeiros contatos com a arte. Outras marcas são também deixadas por livros, personagens de tv, filmes, peças infantis, concertos, pelas obras que vão se fazendo parte de nosso acervo de imagens, pelas visitas aos museus, por alguns momentos especiais. Todos, de modo favorável ou não, nos ajudam a construir nossas primeiras impressões do mundo da arte, alimentando e ampliando nossa própria cultura (MARTINS e PICOSQUE, 2012, p 24).

Bordar é uma narrativa. Tem uma linha. Uma história escrita dentro do ponto, pode ser canto, poema, angústia, desejo, sonho, lembrança... compartilhar aquele saber com outras pessoas. Uma entrega ao tempo e ao pensamento. Descobrir o segredo daqueles pontos nas linhas, nas coreografias entre dedos e agulhas.

Dias antes dessa oficina busquei em minha família histórias do bordado. Logo as mulheres começaram a resgatar bordados guardados e amarelados feitos por nossas mais velhas e por nós mesmas. Me lembrei também de quando aprendi a fazer bijuterias com miçangas e canutilhos na quinta série com uma amiga da escola, também aprendi com ela, a fazer pequenas esculturas com as miçangas usando um fio de cobre que ganhei do meu pai, provavelmente tirado de um transformador dos aparelhos que ele consertava. Nesse tempo de puberdade brinquei e trabalhei bastante com as miçangas, até ensinei minhas primas durante umas férias de inverno que passaram em casa.

Esse aprendizado que ficou guardado na puberdade, voltou recentemente nos bordados de boi pelas mãos da querida mestra e amiga Ana Maria Carvalho. Vez ou outra reunimos alguns amigos boieiros no ateliê e bordamos. Às vezes só o Alessandro e eu.

No dia do encontro de bordado vieram algumas mulheres, nos reunimos na sala e compartilhei esses bordados e histórias da minha avó. O Alessandro resgatou da sua garagem/museu, vários riscos de bordado da avó dele. Uma das mulheres deu vida a um desses riscos. Pegamos tecidos, bastidores, linhas e agulhas e começamos a pontear nossas histórias, desejos, dizeres, sonhos, proteções, floreios... a mãe da Cris acabou relembrando um ponto que aprendeu aos 14 anos. Olhamos e tornamos a olhar os bordados de nossas avós para descobrir o segredo do ponto, o caminho da linha.

Arremato o fio da meada com a impressão de que bordar, tecer, tricotar é uma forma de voltar, mais que uma forma, um desejo de reencontrar presenças, avivar histórias de nossos antepassados, ou do nosso próprio imaginário.

CORPO BRINQUEDO

Essa oficina foi orientada por Pamella Carmo, uma amiga com quem divido o palco, a sala de ensaios, a mesa de estudos. Ela é atriz, cantora, poeta, artesã no Ateliê O'mi (que pesquisa e produz bonecas abayomis). Artista Educadora com foco nas "Pretagogias" para primeira infância e nas brincadeiras afrikanas. Nós a convidamos pela grande admiração que sentimos por seu trabalho e pela parceria de tanto tempo. Corpo Brinquedo é uma vivência com brincadeiras e saberes afro diaspóricos em conexão com o repertório pessoal dos participantes e em diálogo com o território. Como diz a Pamella, "é acender o sol de cada um". Ao longo da vivência as brincadeiras se desenrolaram de forma muito espontânea e com muita alegria. A partir de exercícios para soltar o corpo e a voz, de momentos em conjunto e sozinhos, as pessoas soltaram também o riso e trouxeram à tona brincadeiras da memória de cada um. Como afirma Leda Maria Martins (2024):

As culturas africanas transladadas para as Américas encontravam na oralidade seu modo privilegiado, ainda que não exclusivo, de produção de conhecimento. Assim como para os povos das florestas, a produção, inscrição e disseminação do conhecimento se davam primordialmente, pelas performances corporais, por meio de ritos, cantos, danças, cerimônias sinestésicas e cinéticas (MARTINS, 2021, p. 36).

Como educadora percebo que a cada dia que passa, mesmo com a lei nº 10.639, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira nas escolas, as pessoas são cada vez mais intolerantes em relação a todo tipo de manifestação e brincadeira de matriz africana ou indígena. Essa repulsa ora se vê por parte de gestores da escola, ora por professores, que normalmente manifestam desdém, deboche etc., ora por estudantes que manifestam medo, por acharem que estão desagradando os pais e a igreja, ou raiva e escárnio como se tivessem que combater o ensino de nossa própria cultura.

Quando trazemos para o campo da educação não formal, percebo a atitude da comunidade em relação ao ensino da cultura afro-brasileira, em como as famílias reagem às manifestações que desenvolvemos no ateliê. Sempre com desconfiança, ou atrelando as atividades realizadas ao ritual religioso dos terreiros. Pensei que isso aconteceria nesta oficina, mas na forma de abordagem da Pamella isso não veio à tona em nenhum momento, e mesmo assim ela trouxe de forma muito bonita, respeitosa e divertida, toda a corporeidade e pensamento afro diaspórico dando lugar e acolhendo as histórias trazidas no corpo e na voz de cada um.

Em resumo, foi uma tarde de brincar no quintal com tudo o que um quintal pode nos oferecer: rir, cantar, dançar, correr, dar as mãos, escutar, conversar, trocar. A diferença é que a Pamella, de forma muito lúdica conduz nosso fazer para entender de onde vem essas brincadeiras e como está presente em nossa ancestralidade. Sua energia de alegria e ação movimentou todo o espaço. Depois nos demos conta que brincamos em todos os espaços do quintal, terminando com um café da tarde banhado pelo sol de inverno na laje.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

68

Ser uma artista educadora, me faz repensar a postura como professora. E nesse projeto me vi mais como mediadora dos conhecimentos e temas abordados, uma troca verdadeira entre as pessoas, uma aproximação a partir de nossas afinidades eletivas, enlaces que se deram em nossa criação e forma de ler o mundo. Os saberes compartilhados, não somente o saber unilateral, mas considerando que cada um traz em sua história de vida saberes importantes e necessários para nossa vida em sociedade.

Fazer o ateliê aberto foi uma oportunidade de experimentar e colocar em prática o sonho, as ideias que temos e às vezes não conseguimos executar na educação formal, devido ao planejamento que precisamos cumprir, ao tempo de aula com cada turma, que é curto, entre outros fatores. Algo nos alimenta além das doses diárias, das pequenas alegrias que vislumbramos em nosso trabalho, e acho que é fruto da educação não formal. São esses refúgios criados pela Arte e pelos fazedores de cultura, que permitem lembrar quem somos pelas coisas que nos encantam, e não apenas pela profissão que desempenhamos.

As vivências no ateliê permitiram coisas que no dia a dia acessamos pouco: brincar, descobrir, estar presente pelo prazer de estar e não por uma tarefa a cumprir. Coisas que não fazemos porque parece que não temos mais o direito de fazer na vida adulta. Além disso as oficinas proporcionaram encontros entre diferentes idades, entre adultos que há muito tempo não se davam um brinquedo de presente, entre crianças, colegas, irmãos, primos. Mães, pais e filhos passando um tempo juntos, um tempo de elaborar memórias, afetos. A celebração e partilha do alimento, os cafés da tarde que traziam à tona histórias, ideias, novas amizades, e os pores do sol na laje, que acontecem todos os dias, mas que poucas vezes temos o privilégio de contemplarmos juntos. Perceber como são pequenas coisas que nos alimentam no dia a dia, e nos fazem crescer também.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Tradução de Antonio Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BARBIERI, Stela. *Territórios da invenção: ateliê em movimento*. 1^a ed. São Paulo: Jujuba, 2021.
- BARROS, Manoel de. *Memórias Inventadas: as infâncias de Manoel de Barros/ Iluminuras de Martha Barros*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.
- DIAS, Belidson. *A/r/tografia como metodologia e pedagogia em artes: uma introdução*, In: DIAS, Belidson e IRWIN, Rita L. (organizadores). *Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia*. 2^a edição – Santa Maria, RS: Ed. UFSM, 2023.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GUERRA, Monica. *As mais pequenas coisas. A exploração como experiência educativa*. São Paulo: Pedro & João Editores, 2022.
- HERNÁNDEZ, Fernando. *A Investigação baseada nas Artes: propostas para repensar a pesquisa em educação*. In: DIAS, Belidson e IRWIN, Rita L. (organizadores). *Pesquisa educacional baseada em arte : a/r/tografia*. 2^a edição – Santa Maria, RS: Ed. UFSM, 2023.
- MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar: Poéticas do corpo-tela*. 1^a ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.
- MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. *Mediação Cultural para professores andarilhos na cultura*. São Paulo: Intermeios, 2012.
- MEIRELLES, Renata. *Giramundo e outros brinquedos e brincadeiras dos meninos e meninas do Brasil*. 3. ed. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.
- NÓVOA, António (org.). *Vida de Professores*. Porto Editora: Portugal. 2^a edição, 2013.
- REZENDE, Maria Valéria. *O voo da guará vermelha*. 2^a ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.